

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1

PATRIMÔNIOS DE TINTAS E LETRAS: A TRAJETÓRIA SOCIAL DE HENRIQUE E ROBERTO ALVIM CORRÊA E A HISTÓRIA DE UM ACERVO A SER PRESERVADO

Anne Marie Lafosse Paes de Carvalho

Bibliotecária/Documentalista da Universidade Federal Fluminense.
Mestranda em Preservação de acervos em Ciência e Tecnologia no MAST.

E-mail: annelafosse@gmail.com

Mariana Rodrigues Tavares

Pós-doutoranda em História da Saúde, Ciência e Divulgação Científica na
Fiocruz

Doutora em História Social pelo PPGH-UFF

E-mail: historia.mari@gmail.com;

Todos os nossos plurais acabam por ser singulares. Assim, o que é que nos faz sair da fortaleza do nosso eu em busca da companhia e da troca de palavras com outros seres que nos refletem infindavelmente no estranho mundo em que vivemos? *O mito platônico segundo o qual os seres humanos originais têm uma natureza dupla posteriormente dividida em dois pelos deuses explica, até certo ponto, a nossa demanda: procuramos melancolicamente a nossa metade perdida* (MANGUEL, 2018, p.23, destaques meus)¹.

O arquivo não se parece nem com os textos, nem com os documentos impressos, nem com os “relatos”, nem com as correspondências, nem com os diários, e nem mesmo com as autobiografias. É difícil em sua materialidade. Porquanto desmensurado, [o arquivo é] invasivo com as marés de equinócios, as avalanchas ou as inundações (FARGE, 2009, p.11)².

Este texto aborda a atuação de uma figura intelectual particular: a do editor, autor e professor *Roberto Alvim Corrêa*. Influente na época em que fora atuante, especialmente, graças a sua rede de sociabilidade e a herança familiar, isto é, Roberto era filho do artista

¹MANGUEL, Alberto. *Embalando a minha biblioteca. Uma elegia e dez divagações*. Tradução de Rita Almeida Simões. Lisboa: Tinta da China, 2018.

²FARGE, Arlette. *O Sabor do arquivo*. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

plástico Henrique Alvim Corrêa, ilustrador reconhecido internacionalmente. Atualmente, cerca de trinta e oito anos da sua morte, Roberto Alvim Corrêa parece esquecido na mente dos acadêmicos do mundo editorial, mas vem ressurgindo vivo e expressivo nas páginas de um arquivo inédito pertencente a um de seus familiares. A partir deste ponto, cabem algumas ponderações acerca de trajetória social de Roberto Alvim Corrêa e de seu pai Henrique Alvim Corrêa.

Roberto Alvim Corrêa (1898-1983) nasceu em Bruxelas, viveu na Suíça, onde se graduou em Letras (Genebra). Mais tarde, estabeleceu-se em Paris local onde fundou em 1928 uma casa editorial própria chamada *Éditions Correa*. Dos prelos da editora foram publicados Jacques Maritan, François Mauriac, Ramon Fernandez, Charles Du Bos, Edmon Jaloux, Marcel Raymond, Jean Classon, etc. Foi casado com Georgina Lopes, filha do antigo cônsul geral do Brasil, João Lopes. Mudou-se para o Brasil em 1937 e foi contratado pela Universidade do Distrito Federal como professor de literatura, e em 1940 exerceu atividades nas Universidades Católicas. Além da atuação docente e editorial, Roberto Alvim Corrêa teve um longo papel a frente da crítica literária no jornal “A Manhã” entre outros periódicos³. Mais tarde, junto com Alceu Amoroso Lima encampou diversas publicações na editora “Agir” contemplando dentre estas a de seus diários e da coleção “Nossos Clássicos”.

Num campo um pouco diferente, esteve seu pai, o artista plástico Henrique Alvim Corrêa. Sabe-se que *Henrique Alvim Corrêa* (1876-1910) nasceu na cidade do Rio de Janeiro em um meio social de pessoas influentes no Império. Mais tarde, com o advento da República e a consequente queda do Império, a família de Henrique Alvim Corrêa exilou-se na Europa, estando em Portugal e na França. Na França desenvolveu suas habilidades artísticas no ateliê do pintor-militar Eduard Detaille. No entanto, a sua

³O periódico *A Manhã* foi um órgão oficial do Estado Novo e teve como seu principal diretor a figura de Cassiano Ricardo entre os anos de 1941-1945. O jornal foi um importante instrumento de divulgação cultural do período e contou com a participação de diversos intelectuais, como as figuras de Múcio Leão, Afonso Arinos de Melo Franco, Cecília Meireles, José Lins do Rego, Ribeiro Couto, Roquete Pinto, Leopoldo Aires, Alceu Amoroso Lima, Oliveira Viana, Djacir Menezes, Umberto Peregrino, Vinicius de Moraes (crítica cinematográfica), Eurialo Canabrava (crítica de ideias), Gilberto Freyre e outros. Além disso, o jornal publicava seções e tabloides semanais na área de crítica literária, entre outros. Para maiores detalhes ver: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/AManha>. Acesso em 15 jul. 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

guinada no universo das artes plásticas veio com a incorporação de suas ilustrações na obra de “A Guerra dos Mundos” de H.G.Wells. Hoje tem-se notícia de que parte de sua obra desapareceu durante a invasão da Alemanha na Bélgica (1914) e outra parte foi perdida em um naufrágio quando o navio que as estava transportando foi torpedeado por submarinos alemães na conjuntura da Primeira Guerra Mundial.

Houve a primeira exposição de suas obras no Museu de Artes de São Paulo (1972), sendo depois pelas exposições no Museu Nacional de Belas Artes entre os anos de 1977 e 1990 e em 1981 na Casa de Rui Barbosa. Henrique Alvim Corrêa faleceu em 1910, aos 34 anos de idade, sendo transferido e sepultado na cidade do Rio de Janeiro.

Após os breves apontamentos a respeito de Roberto Alvim Corrêa e de seu pai, o artista plástico Henrique Alvim Corrêa, é preciso estruturar este texto, ainda introdutório, destacando o seu papel no mercado das letras brasileiras e internacional na segunda metade do século XX.

Um pouco da trajetória de Roberto Alvim Corrêa já foi destacado na abertura deste texto. No entanto são necessárias mais algumas ponderações. Longe de promover uma biografia contada com o encadeamento exato dos acontecimentos e dias (BOURDIEU, 2005)⁴, o que se pretende neste artigo e nesta apresentação é o início de alguns resultados decorrentes do levantamento que viemos executando em parte do acervo de Roberto Alvim Corrêa. O caminho adotado será o de observá-lo por meio da crítica literária e enquanto autor de ensaios nos quais funcionavam como espaços de legitimação intelectuais e de mediador no campo literário brasileiro da segunda metade do século XX.

Por estes motivos, o presente texto dedica-se a tratar da figura intelectual de Roberto Alvim Corrêa colocando-o a partir de um dos seus pilares de ação no campo intelectual brasileiro dos anos 1940-1950: sejam eles a sua atuação como crítico literário.

1. Descortinando Roberto Alvim Corrêa

⁴BOURDIEU, Pierre. *Esboço para uma autoanálise*. Lisboa: Edições 70, 2005.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

Por meio da execução desta pesquisa, espera-se desvendar um capítulo ainda inédito na História da Livro da Leitura no Brasil e no mundo e permitir, com isso, uma contribuição valiosa ao conjunto dos trabalhos já existentes neste meio.

Para além deste caráter mais genérico, há outros de foro mais particular que precisam ser mais bem explicitados. Em decorrência da inexistência de trabalhos que se dediquem a analisar a figura de Roberto Alvim Corrêa, esta pesquisa conta com a contribuição valiosa de uma das herdeiras do intelectual, a saber, uma de suas netas, a bibliotecária Anne Marie Lafosse Paes de Carvalho⁵. Detentora de parte do acervo⁶ pertencente a Roberto Alvim Corrêa e também aquele que pertence a Henrique Alvim Corrêa, desde Março/2021 venho trabalhando na leitura, identificação e prévia organização deste acervo. Um exemplo do que estamos realizando segue nas imagens abaixo que ilustram o que já podemos organizar até o momento:

⁵**Anne Marie Lafosse Paes de Carvalho** é bibliotecária e documentalista da Universidade Federal Fluminense. Possui o cargo de chefia do Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos (LACORD) e responsável pelo Centro de Obras Raras e Especiais (CORES), ambos da Universidade Federal Fluminense. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Preservação de Documentos e Bens Culturais. Para maiores informações ver: <http://uff.br/?q=equipe-1>. Acesso em 03 maio 2021.

⁶Segundo dados dos familiares de Roberto Alvim Corrêa, a biblioteca particular do autor foi vendida ao bibliófilo Pedro Corrêa do Lago por volta do ano de 1988, após o falecimento de Georgina Lopes Alvim Corrêa, esposa de Roberto Alvim Corrêa.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

Correspondências endereçadas a outras pessoas	Correspondências endereçadas a Roberto e a Georgina [esposa]	Publicações autorais em periódicos	Publicações autorais diversas	Publicações sobre Roberto Alvim Corrêa	<i>Éditions Correa</i>	Publicações sobre intelectuais e autores	Atuação docente	Outros [diversos]	Notícias de Henrique Alvim Corrêa
Correspondência redigida por Roberto Alvim Corrêa e endereçada aos amigos Deborah e Francisco. Data de 03/05/1966.	Carta assinada por "Odile Chevalley" escrita a Roberto Alvim Corrêa mencionando a morte de Pierre Béguin. Lausanne (Suíça), 25 de janeiro de 1978.	Publicação no jornal "Para Todos" de 1956 do texto "Páginas do meu diário".	Livro/monografia intitulada "Pierre, le faible" escrita por Roberto Alvim Corrêa.	Envelope contendo diversas notícias sobre o falecimento de Roberto Alvim Corrêa envolvendo seu primeiro ano de falecimento e outras homenagens.		"Retrouver les critiques d'Albert Béguin" por Bertil Galland em 23/4/68.		Cartões de "Luiza L. de Oliveira Alves"	Revista "Isto é" de 7/10/1981 que apresenta uma matéria dedicada ao relançamento do livro "A Guerra dos Mundos" de H.G.Wells e ilustrado por Henrique Alvim Corrêa. Faz menção a exposição contendo as obras do próprio Henrique Alvim Corrêa na Casa de Rui Barbosa

Quadro contendo o conjunto documental pertencente a Roberto Alvim Corrêa levantado até o momento

Fonte: [autoria própria]

A pequena ilustração acima destaca uma pequena parte do que temos realizado. Há mais pastas pertencentes ao autor que ainda serão trabalhadas e incorporadas ao primeiro mapeamento documental. Somadas a estas, há os intercâmbios letrados já mapeados por meio das correspondências trocadas entre Roberto Alvim Corrêa e Alceu Amoroso Lima, para citar um exemplo mais notório. Ainda que em conjuntura de pandemia, diálogos foram travados com o centro de memória que leva o nome de Alceu Amoroso Lima⁷ e é o que se pode observar nas próximas linhas.

2. Do ensaísmo e das críticas escritas por Roberto Alvim Corrêa

⁷Acervo de Alceu Amoroso Lima. Para maiores detalhes ver: <http://www.alceumorosolima.com.br/>. Acesso em 03 maio 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

Boa parte das obras publicadas pelo Roberto Alvim Corrêa manteve uma profunda relação com os gêneros do ensaio e da crítica literária apresentados em suas publicações nas quais se destacavam movimentos analíticos de compreensão dos tipos nacionais, de seus objetos culturais, de sua arquitetura, a literatura francesa e brasileira etc. Um bom exemplo pode ser visto na troca de correspondências trocadas entre o próprio Roberto Alvim e outro intelectual, seu amigo e contemporânea, Alceu Amoroso Lima. Abaixo segue a transcrição de duas cartas encaminhadas a Alceu Amoroso Lima, no qual discute a questão da crítica literária:

Rio, 12/4/46

Alceu, amigo

Sei melhor o que penso com a pena na mão do que conversando. Por isso, apesar da tentação de ceder ao prazer de uma boa conversa (prazer, espero, apenas transferido) expresse-me, hoje, a começar por escrever-lhe. Pois, seu livro é daqueles que obrigam a gente a pensar, e não só, e pensar. Pessoalmente, eu o li também com emoção. Tudo quanto v. diz com uma clareza admirável, eu o sinto (como v. há de verificá-lo no meu livro Anteu e a crítica, atualmente no prelo). V. tratou mesmo todos os problemas que a crítica tem de levantar e solucionar, encarando-os objetivamente, como **[sequência frases ilegíveis]**.

V. elucidou tudo quanto **[sequência de frases/palavras ilegíveis]** não esgotou o assunto é porque, graças a Deus, o assunto é inesgotável. **[sequência de frases/palavras ilegíveis]** bem, o crítico participa do misterioso ato criador como o romancista ou o poeta. Ser grande crítico é descobrir por exemplo em Shakespeare o que nele não parecia existir antes, como ser grande romancista é desprender da realidade o que nele não tínhamos sabido ser. O mistério inicial é o mesmo. Ser grande crítico é também dizer **[sequência de frases/palavras ilegíveis]** é sempre escapar ao vigor das definições.

É ainda **[palavra ilegível]** – como o fez, para sempre, o **[palavra ilegível]**. O que equivale a dizer não **[sequência de frases/palavras ilegíveis]** certa qualidade da alma. É essa qualidade que, em v. me toca fundo, me abala mesmo, mais do que v. possa saber. Só o tenho encontrado raramente nos meios literários – e nas obras habitualmente dotadas de outras virtudes. Nesse ponto estou do lado do velho crítico, e embora menos do que ninguém, v. sabe, eu confunda moral e arte, penso que Boileau⁸ tinha razões quando escrevia “le se sent toujours des bonesses du caller”. E não só o verso: tudo quanto escrevemos. A qualidade da nossa alma está no que escrevemos. Sí, há uma relação de ordem ética que influe senão na arte propriamente dita, pelo menos no seu conteúdo humano. E, sem dúvida, um ator (e não só um ator, um momento, um poeta também) pode fingir sentimentos que não são os seus. Há poucos dias eu lia em Cocteau: “François Fratellini m'expliquoit, alors que je m'epriais à me pouvoier sien obtenir clown anglais dous du bookmaker du Boeuf sur le toit gu'un anglais ne pouvoit joue p'anglais. Et ce mot de Réjaue: quand je joue una mère, par exemple, il jout que j'oublie joeupos (o filho). Acredito que o ator como o romancista tenha que esquecer a própria personalidade. Assim mesmo, não podem dar o que não têm. Ainda menos o

⁸Provavelmente se refere ao poeta francês, crítico literário e escritor Nicolas Boileau (1636-1711).

custeio [?]. O que há de genial em um Sainte-Beuve⁹ é a penetração, a grandeza dos olhos etc. – não é a grandeza da alma. Em compensação, quem há de duvidar de a grandeza da alma de um Du Bos? E como, em certos casos, em grandeza pode ser independentemente de virtudes, ou, pelo contrário, de fraquezas, mesmo Moraes! Ou ainda não ser encontrado apesar de qualidades. **[sequência de frases/palavras ilegíveis]** sem grandeza, apesar de estilo prestigioso e até de certo humanitarismo indiscutível. Rousseau, grande, apesar de erros tremendos. Por mim, mesmo como crítico, é essa grandeza que sinto o direito de procurar na literatura, mesmo em poesia, e até sobretudo em poesia. É o inexplicável que me atrai nessa realidade essencialmente poética que é a grandeza. O que seria poesia se ela não fosse como que a alma dessa realidade profunda, se ela não fosse aquilo que fez com que a vida verdadeira, de que falava Rimbaud¹⁰, não **[ilegível]** “ausente”?

E talvez seja o que não entende bastante no seu magistral estudo psicológico do crítico: a atitude do crítico diante da obra poética. Aquilo que, como críticos, podemos dizer de um **[espaço em branco]** de Rimbaud, ou um soneto de Shakespeare, depende de uma receptividade necessariamente subjetiva que, para ser externa, tem de recorrer a uma linguagem que **[ilegível]** mesmo um escritor ou, se quiser, tudo quanto **[ilegível]**. Eis porque, para me pronunciar sobre **[sequência de frases/palavras ilegíveis]** das tragédias gregas, Doute [?], Pascal, Balzac ou Dostoiévski, e **[ilegível]** o que vale. O crítico verdadeiro começa onde acabam o historiador, o sociólogo etc. O crítico verdadeiro não é Taine¹¹, que pensa a vida “à tourner autour du pot” é **[ilegível]** da Arte romântica. E esse crítico tem de passar da atitude objetiva para um estudo profundamente objetivo. Há, por exemplo, de tentar precisar a repercussão que tiveram neles os casos de uma tragédia rossiniana. E isso não é pouco. **[ilegível]** o gosto ao qual v. se referiu admiravelmente, mas também a **[incompreensível]**, a inteligência, o ser todo. Esse crítico verdadeiro tem de saber dizer o que o comove num poema, mesmo hermético como, por exemplo, aquilo de Mallarmé, que começa com o verso célebre.

Le vierge, le vivace et le bel aujourd’hui muito embora não se trate de impor uma maneira de ver – e ainda menos de pretender dar-lhe um equivalente em prosa. Se ele foi escrito em versos é justamente porque não tem equivalentes em outra linguagem. A sua essência, a sua beleza depende de uma combinação por assim dizer mágica de palavras graves os quais temos essa maravilha. Poesia pura, como diria l’abbé Brémond? [?]

Não sei o que significa a expressão. Nunca consegui **[ilegível]** a poesia da emoção que ela criava em mim. É a natureza dessa emoção que, como crítico, procuro elucidar, trabalho pelo qual tenho consciência do papel da crítica; a meios de afirmação do personalista. O artista, a rigor, pode ignorar o que fez. O crítico, não, tem de dizer **[ilegível]**.

O crítico é o homem que diz porque. E isso **[ilegível]** a confessar-lhe que me parece pequena a distância que separa na crítica como na vida, o que fez de um homem um juiz ou um réu. Todo juiz, suponho eu, tem consciência da sua responsabilidade, não ignora que um dia ele há de ser julgado, por sua vez,

⁹Nesta parte há uma referência direta ao crítico literário francês *Charles Augustin Sainte-Beuve* (1804-1869). Considerado uma das grandes figuras da literatura francesa, Sainte-Beuve desenvolveu o método de análise crítica fundamentado no fato de que a obra de um escritor seria primeiramente um reflexo de sua vida e se poderia explicar por ela.

¹⁰Há aqui uma referência ao poeta francês *Arthur Rimbaud* (1854-1891) manifestando sua predileção pela linguagem humana. Morreu aos 37 anos de câncer, atribuído a sua vida de boemia e de excessos.

¹¹É provável que Roberto Alvim Corrêa se refira ao historiador e crítico literário francês *Hippolyte Adolphe Taine* (1828-1893), expoentes do Positivismo do século XIX na França.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

sobre seus julgamentos, passará, por conseguinte, a ser réu. Bem sei que a maioria dos críticos são mais sensíveis do que fazem deles juízes. Eu também aceito minhas responsabilidades, e justamente, por isso, Alceu, ali, como sinto a necessidade de sublinhar na crítica o que me parece uma defesa. Para mim, criticar é dizer porque gosto ou não gosto, e em nome de que; é uma perpétua justificação. Sinto-me no banco dos acusados. Tenho [ilegível] de que a crítica que julga não somos nós, é a posteridade. Que outra coisa eu teria que lhe dizer a respeito do seu livro tão rico de sugestões e de experiência vivida! Não acabaria mais! Você cria maravilhosamente na gente felicidades que sem você não existiriam. V. é como meu professor de piano. Quando criança, eu tocava com ele as quatro mãos, tudo era [ilegível]. Eu confundia as qualidades do mestre com as minhas, ilusórias, pois sumiam quando eu tocava sozinho...

É verdade; um dos pontos que me tocam de perto no seu livro que se refere a atitude do crítico perante as obras censuráveis [?]. Para mim, o problema é o seguinte: só levo em consideração os livros que, censuráveis por vários motivos, revelam bastante talento para chegar a me incomodar ou a me ferir em algo de sério ou de vital. Não existindo literalmente os outros, deixos-os ficar onde estão. Outra coisa. O que é que determinou a escolha de um assunto, interessantíssimo como este que v. escolheu O crítico literário, mas que só terá indiretamente a matéria da cadeira de literatura brasileira?

Queira ver na minha pergunta, um pouco indiscreta (mas aqueles que o “julgarão” – meu Deus! – talvez o façam) o povo do meu interesse afetuosos. Ignoro se chegarei a ocupar a cadeira de literatura francesa. O desdobramento aceito enfim de ser proposto pelo conselho universitário. Se eu ocupar um dia essa cadeira – e sobretudo por concurso – e tudo pode acontecer – seria para mim o maior conforto e a maior honra ter um colega como você – ter você como colega! Até esse dia longínquo, para não dizer mais do que hipotético, Alceu amigo, eu fico o mais humilde dos seus amigos admiradores, porém um dos mais verdadeiros, pedindo a Deus que o proteja bem [sequência de palavras ilegíveis] coração.

Roberto.

14/4/46

V. sabe o seu livro é um pouco [ilegível] do seu aluno. [Sequência de palavras ilegíveis] demasiadamente certo subjetivismo. Não no sentido antipoético da palavra, ativo, “amor de si mesmo”, mas pelo contrário, no sentido humilde, que fez de um desconhecido nosso irmão. No sentido de Montaigne que bem sabia que falando de si (e em nosso caso nota-se menos de falarmos de nós do que simplesmente dizer o que sentimos e pensamos, em nome, é verdade de um ideal que [ilegível] infinitamente a nossa única pessoa) – ele falava de todos – pois ele tinha [ilegível]: “Je port em moi toute l’humaine condition”. Ou mais certamente, palavra do Shakespeare (o mais impessoal dos gênios – pelo menos segundo dizem, mas será que não se lembrem dos seus sonetos?) – do Shakespeare que tinha lido Montaigne, o mais subjetivo dos escritores, o pai do subjetivismo moderno – e que por ele andava tão influenciado em partes escritas [ilegível] Montaigne [sequência de palavras ilegíveis] – E será que Montaigne, pai da crítica moderna está tão longe do grande técnico do: homo sum, humeni nihil a me alunum preto? Não creio, Alceu.

Isso explica também que o crítico é, na verdade, um moralista. Não no sentido que v. empregou nas p.173 e sgus. Do seu livro – e aí v. podia ter estabelecido a distinção para evitar confusões. V. empregou a palavra no sentido que tem atualmente em português “pessoa que preconiza preceitos morais”, mas que

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

nem sempre teve, e que nunca tem em francês. Na França, um moralista não é quem prega moral é quem escruta o coração e o caráter humano, é um analista, um psicólogo. É Pascal, La Rochefoucauld, La Bruyère, Benjamin Constant, Stendhal ou Proust. E esses homens jovens críticos, não oficiais, mas devemos-lhes demais mesmo como críticos, para lhes negar esse título.

Eis porque, a meu ver, o crítico é também um moralista - e estamos de acordo, também um ordenador, um retificador, etc.

Alceu querido, receio ter abusado da sua paciência e, sobretudo, não ter bastante salientado a emoção que tive em ler o seu livro admirável, tanto pela lucidez penetrante como superioridade espiritual. O seu livro revela grandeza. O que importa, depois disto, o resto? Ah, como você percebe a tentação do silêncio conventual! Se, às vezes, pareço me afastar um pouco dos seus pontos de vista, não tem a mínima importância! São ninharias de quem, como crítico, pensa nos seus futuros examinadores – mas quais serão esses [ilegível] e quando terei o prazer de ver você responder as objeções desses profissionais? O meu subjetivismo é mãe do seu objetivismo. Como v. o disse para sempre, o padrão do crítico “é a realidade da obra e do autor como elementos essenciais para motivar a nossa própria visão das coisas? E essa visão pessoal, temos o direito, temos a obrigação de defendê-la, pois sabemos que nela Deus tem a última palavra. Ah, pelo menos preciso acreditá-lo, pois, do contrário, não sei o que seria de mim, nem dos outros, nem do mundo. Não podemos fazer depender a salvação do mundo da minha pobre fé, mas, como dizer? – senão citando um escritor que, bem sei, foi temerário, e mais do que isso, porém profundo, e é um dos raros escritores religiosos da França de ontem, um dos raros que teve grandeza – acredite-me- André Giile. Escreve ele, referindo-se ao Evangelho: “que m’importeut les controverses et les arguteés des docteurs. Au nom de la Science ils pouvoeut nier les miroeles, au nom de lo philosophie la doctrine et ou nom de l’histoire les joits. Ils pouveut mettre em doute l’existence même de celui-ce, et pour la critique philologique nespeeter l’autheteieté des tests. Même il ne plôit qu’ils y parviennent, cer mo [ilegível] ne dépend em vien de cela. Je tiens ce petit livre dans ma moin et aucun plailoyes ne le neprime ni ne me l’enleve; j ele tiens jerne il peua y lire grandje veux. Oû que je l’ouvre, il luit d’une monière toute divine; et tout ce qu’on y peut opposer ne jera vien coutre cela...C’est parceque le Christ est ils de Dieu, out ils lit, qu’il nous jout noire à ses preroles. Et d’outres sout vênus que n’out plus tenu compte de ses paroles parce qu’ils n’out pas admis que Jésus jut’le ils le Dieu.

Signeur, ce n’[ilegível] pas parce que l’on m’a dit que vous étez le Dieu que j’écoute votuparole; mais otre [sequência de frases ilegíveis] de Dieu”.

Giile tem razão, Alceu – e o tem duas vezes tendo-o com amor. Possa o Cristo, para nossa Salvação, ter em nós e no mundo a última palavra!

Com um grande abraço,

Roberto.

O papel social ocupado por Alceu Amoroso Lima, é o que exemplifica esta troca efusiva de cartas entre ele e o escritor Roberto Alvim Corrêa. Sobre esta perspectiva, são válidas algumas considerações. Sabe-se que *Alceu Amoroso Lima* nasceu na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1893. Bacharelou-se em 1913 pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Ciências Sociais no Rio de Janeiro e em sequência viajou para a Europa, onde

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

fez cursos na Sorbonne e no Collège de France. Mais tarde, em regresso ao Brasil, atuou como advogado e como adido no Itamaraty antes de assumir as funções jurídicas de um negócio familiar. A partir de 1919 iniciou a sua colaboração em *O Jornal* como crítico literário, passando a utilizar o pseudônimo de *Tristão de Ataíde*. Nos anos 1930 esteve envolvido com conflitos com a Aliança Liberal instalada sob a liderança de Getúlio Vargas (RODRIGUES, 2009)¹².

De acordo com Leandro Garcia Rodrigues (2009), seguindo um caminho religioso atrelado à sua postura intelectual paralelamente à de crítico literário, Alceu Amoroso Lima, em 1935, tornou-se diretor nacional da recém-criada Ação Católica Brasileira, foi eleito para Academia Brasileira de Letras e nomeado membro do Conselho Nacional de Educação. Após a implantação da ditadura do Estado Novo, em novembro de 1937, tornou-se reitor da UDF e patrocinou o desmonte da estrutura criada por Anísio Teixeira. Apontam suas biografias que a partir dos anos 1940, iniciou um regresso lento às antigas posições liberais, mas jamais abandonou a sua postura “combativa” e fiel ao catolicismo. Atuou como professor de literatura brasileira da Universidade do Brasil e da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, participou em 1944 da fundação da Livraria Agir, com o objetivo de ampliar as publicações católicas. Em 1945, tomou parte no I Congresso Brasileiro de Escritores, marco decisivo na redemocratização do país. Colaborou ainda na fundação do Partido Democrata Cristão (PDC), redigindo o seu manifesto de lançamento, sem, porém, filiar-se à nova agremiação.

Nos anos 1950 esteve uma temporada de atuação intelectual no exterior, entre Europa e Estados Unidos, tendo atuado em 1958 como colaborador do nos periódicos “Jornal do Brasil” e “Folha de São Paulo”. Além disso, participou do Concílio do Vaticano II (1962), onde aprofundou suas concepções liberais. De volta ao Brasil em 1964, com o advento do golpe civil-militar, manteve um posicionamento contrário ao novo regime de governo e seu grande prestígio no meio social e intelectual lhe garantiu a

¹²RODRIGUES, Leandro Garcia. *Alceu Amoroso Lima: cultura, religião e vida literária*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

possibilidade de escrita, mesmo em meio a conjuntura de censura. Faleceu na região de Petrópolis no Rio de Janeiro no ano de 1983¹³.

No âmbito mais específico da crítica literária, apontam seus estudiosos, que Alceu Amoroso Lima procurava destacar uma diferença prestimosa entre a crítica literária e a escrita do ensaio, ambas muito difundidas neste período. No que concerne à práxis crítica de Alceu Amoroso Lima, sabe-se que o crítico expressa a vontade de compreender seu objeto analisando as condições de produção, isto é, as motivações do autor, os aspectos existenciais das personagens, suas razões de existir e até mesmo os títulos das obras analisadas. Segundo seus estudiosos, havia na crítica literária empreendida por Alceu Amoroso Lima uma associação ao espiritualismo, produzindo temas concernentes e debatendo ideias desta temática (RODRIGUES, 2009, p.100-102)¹⁴.

É bem provável que a dimensão que une as cartas endereçadas por Roberto Alvim Corrêa para Alceu Amoroso Lima illustre esse processo associativo do espiritualismo e da crítica, bem como toda a sua inserção no universo católico. Referindo-me, especificamente, à Alceu Amoroso e a Roberto Alvim, é possível que a amizade tenha facilitado e assegurado à Roberto Alvim Corrêa meios profissionais de estabelecimento e outros tais que garantiram a circulação dos seus escritos (GOMES, 1993)¹⁵.

O valor expressivo das publicações de *críticas literárias* não surpreende ao se considerar o próprio paradigma da *crítica* para o grande público. Este gênero de publicações prosseguiu até meados do século XX e estampou diversas páginas dos jornais brasileiros, contando com os nomes de Otto Maria Carpeaux, Augusto Meyer, Álvaro Lins, entre outros. Todos eles podem ser considerados homens de grande erudição e tinham páginas fixas em periódicos semanais, cujo espaço era privilegiado dos cadernos de Cultura e Suplementos literários. Todos eles tinham a característica de não possuírem a formação especializada em Letras e Literatura, fato justificado pela ausência destes

¹³Para maiores detalhes acerca da biografia de Alceu Amoroso Lima, vide: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/alceu_amoroso_lima. Acesso em 30 jun.2021.

¹⁴RODRIGUES, Leandro Garcia. *Alceu Amoroso Lima: cultura, religião e vida literária*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

¹⁵GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio...os intelectuais cariocas e o modernismo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993, p.62-77.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

12

cursos nas Universidades, e ofereciam análises extensas com linguagem acessível ao público médio, a quem se destinavam a “ensinar a ler” ou “ensinar o que se deveria ler”.

De acordo com Antônio Cândido,

O Brasil sempre foi um país de boa crítica literária. Se a gente pega a América Latina, não há nenhum país que tenha desde o romantismo tão boa crítica literária quanto o Brasil. Pessoalmente, tive uma sorte extraordinária porque fui crítico literário militante num tempo de esplendor da literatura brasileira. Às vezes brinco com alunos meus que são bons críticos: “tenho pena de vocês, que têm que escrever sobre os autores atuais. Por melhores que sejam, não são Mário de Andrade, não são Guimarães Rosa, não são Carlos Drummond de Andrade”. Eu tinha que fazer para o jornal um artigo por semana sobre as novidades. Quais eram as novidades? Drummond, Murilo Mendes, Jorge Amado, José Lins do Rego. “Acaba de publicar um livro o sr. Graciliano Ramos...” (risos) Tive a sorte de viver num tempo de esplendor, mais ou menos até 1950 e poucos. Não quer dizer que seja má [depois disso], mas não tem mais aquele esplendor.

De fato, havia um esplendor da literatura brasileira e da crítica, entre os anos 1940-60. Isto se observarmos o número de produções deste gênero que estavam em circulação. A crítica literária foi, certamente, um dos vieses deste processo. A construção efetiva da integração à nação e sua consciência nacional iniciou-se no período do século XX e não prescindiu da existência de uma inteligência nacional, dos homens de letras e de um repertório de sua melhor literatura. Acreditava-se que a leitura era a medida do nível cultural e civilizatório de uma sociedade. Além destes processos de crítica literária, é notório neste período o processo de canonização dos clássicos como forma de estabelecimento e conformação do panteão dos intelectuais brasileiros (TAVARES, 2020)¹⁶.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOURDIEU, Pierre. *Esboço para uma autoanálise*. Lisboa: Edições 70, 2005.

Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em:

¹⁶TAVARES, Mariana Rodrigues. *A Aclamação das Letras: O Instituto Nacional do Livro e a pedagogia literária no Brasil do século XX*. Tese de doutorado em História Social. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal Fluminense. 2020.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

13

https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/alceu_amoroso_lima.

Acesso em 30 jun.2021.

FARGE, Arlette. *O Sabor do arquivo*. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio...os intelectuais cariocas e o modernismo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993, p.62-77.

MANGUEL, Alberto. *Embalando a minha biblioteca. Uma elegia e dez divagações*. Tradução de Rita Almeida Simões. Lisboa: Tinta da China, 2018.

RODRIGUES, Leandro Garcia. *Alceu Amoroso Lima: cultura, religião e vida literária*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

TAVARES, Mariana Rodrigues. *A Aclamação das Letras: O Instituto Nacional do Livro e a pedagogia literária no Brasil do século XX*. Tese de doutorado em História Social. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal Fluminense. 2020.